

Introdução

O estudo sobre a Imagem de uma escola do ensino secundário em Portugal surge na sequência de um trabalho realizado na disciplina de Teorias da Administração do Mestrado em Administração Educacional. Inserido neste contexto surge a primeira abordagem às referências literárias à luz do paradigma da "cultura organizacional" defendido por António Nóvoa, surgindo várias questões que foram o ponto de partida para esta dissertação designadamente, em compreender como era percebida pelos alunos a cultura organizacional de uma determinada instituição escolar. Como esta era refletida para o exterior, representada pela Imagem Externa, e quais os fatores que levaram os alunos a escolher esta escola.

Nesta matéria, existem ainda poucos estudos, no que se refere à realidade nacional. Detetaram-se lacunas, ao nível bibliográfico, no que se refere à Imagem Social da escola: Imagem Externa e Imagem Interna, e à forma como a Imagem Externa, poderá influenciar a escolha de uma instituição escolar. Como tal, consideramos que esta dissertação poderá dar um contributo na área da administração educacional, no âmbito desta problemática.

Este estudo assenta em duas realidades de Imagem de Escola, "A Imagem Social de Escola: Imagem Externa e Imagem Interna, na perspetiva dos alunos", podendo variar de diversos fatores, inerentes da Cultura Organizacional e da perceção que os alunos têm da mesma, ou seja, pretende-se averiguar se existem ou não diferenças entre as duas Imagens.

É neste contexto que se pretende investigar a imagem efetiva que os alunos têm de um estabelecimento de ensino secundário, num contexto social educacional, surgindo assim duas perguntas de partida, e o objeto de estudo do trabalho:

- 1 - A Imagem Social da Escola/ Externa corresponde à Imagem Interna da escola?
- 2 - Quais os fatores mais importantes, para a escolha de escola?

Para darmos respostas a estas questões partimos das seguintes sub - questões:

- Qual a perceção que os alunos têm dos professores e das suas aulas?
- Qual é a perceção que os alunos têm do relacionamento/ clima de escola, que se estabelece entre os atores educativos?
- Qual é a perceção que os alunos têm dos Cursos e das perspetivas profissionais?

- Qual a percepção que os alunos têm de como a escola promove um bom relacionamento entre os alunos?

- Qual a percepção que os alunos têm sobre a posição no "Ranking" da escola e como esta é divulgada nos meios de comunicação social?

- Como os alunos percebem a imagem das estruturas da escola: associação de pais de estudantes, organização, atividades extracurriculares e serviços de apoios aos alunos?

- Quais as convergências e divergências entre a Imagem de Escola Externa, dos alunos que iniciaram a frequência na instituição, no 10º ano de escolaridade (2011/2012), com a dos alunos do 12º ano de escolaridade (2011/2012), representativos da Imagem Interna?

- Quais dos atores educativos (família, professores, organização, psicólogos vocacionais, alunos/ amigos, associação de estudantes, associação de pais e direção) foram mais importantes para a escolha da escola?

- Qual a importância das estruturas físicas da escola (localização geográfica e instalações) para a escolha desta instituição?

- Qual a importância dos cursos e das perspetivas profissionais para a escolha da escola?

- Qual a importância da divulgação dos "Rankings" na escolha da escola?

- Qual a importância da publicidade: revistas, Fórum estudante e internet, na escolha da escola?

Definimos um elevado número de fatores que caracterizam a Imagem da Escola, com o objetivo de realizar uma abordagem o mais completa possível. A Imagem da Instituição está inteiramente ligada a vários fatores de ordem social, que são fundamentais, dependentes e explicativos da sociedade contemporânea.

Para concretizar este estudo, foi adotada uma metodologia qualitativa e o estudo de caso foi a estratégia de pesquisa utilizada porque prevê um maior rigor dos dados empíricos, assentes na combinação de dados qualitativos. Devido ao número elevado de inquiridos, o Plano de Investigação foi realizado com duas Amostras, e utilizou-se o

método de Amostragem Acidental. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a pesquisa bibliográfica e aplicação de questionários.

O presente trabalho organiza-se nos seguintes Capítulos. Na introdução apresentamos as linhas gerais de orientação da nossa investigação, a pertinência do estudo e os seus principais objetivo.

No Capítulo 1, apresenta-se o enquadramento teórico da investigação de forma a contextualizar e garantir uma maior clareza da problemática em estudo, centrado na Imagem Social de Escola: Imagem Externa e Imagem Interna, desenvolvidas numa cultura organizacional, num contexto de "concorrência de mercado" da educação. No Capítulo 2 - Investigação em ação: apresentamos as opções metodológicas; as estratégias de investigação; Razões da escolha do local; a caracterização da Escola Artística António Arroio; as técnicas de recolha de dados: Pesquisa documental, Inquérito por questionário e os procedimentos adotados para a sua aplicação; Seleção dos inquiridos e por último a Opção adotada para o tratamento de dados e a taxa de respostas por questionários.

No Capítulo 3, procedemos à apresentação e análise dos resultados obtidos através dos questionários: a caracterização das duas Amostras e o curso que frequentam no momento do inquérito. A perceção que os alunos fazem sobre as relações entre os vários atores educativos da escola; fatores Pedagógicos; Relações humanas; Cursos; Reputação da escola; Estruturas e Espaços Físicos. Serão ainda analisadas as razões que levaram os estudantes a escolher a escola. No Capítulo 4 - Conclusões, expomos as principais conclusões; limitação da pesquisa e pistas para futuras investigações. Por último, é apresentada a lista das referências bibliográficas e Anexos.

Capítulo 1. Cultura organizacional e cultura de escola

Neste Capítulo, proceder-se-á ao enquadramento teórico desta investigação de forma a contextualizar o nosso estudo, e a garantir uma clara compreensão do mesmo. Começaremos por salientar a relevância do estudo da Imagem Externa e Imagem Interna das escolas num contexto socioeducativo, em que se afiguram determinantes as questões dos "Rankings", da escolha da escola e do papel da gestão, na criação e desenvolvimento duma cultura organizacional, que fomente uma imagem de escola, apelativa num contexto de "concorrência de mercado" da educação.

Assim como uma empresa, as instituições de ensino criam a sua própria imagem, procurando responder aos “gostos” e interesses dos seus públicos, tentando obter um retorno positivo relativamente às iniciativas desenvolvidas, de forma a garantir a fidelização dos "clientes". (Figueiredo, 2010)

Ao nível do ensino secundário divulgação dessa imagem é essencialmente realizada no Fórum Estudante¹, onde são divulgadas as instituições e os seus cursos. A imagem de uma Instituição educacional depende ainda dos seus Recursos Humanos (Direção, Professores, Auxiliares de Ação Educativa, Administrativos, Associação de Pais e Encarregados de Educação, Associação de Estudantes e Psicólogos). Todos os atores de uma instituição escolar são determinantes na criação da cultura dessa instituição, que se traduz na identidade própria.

A cultura distingue cada organização das restantes e agrega os seus membros em torno de uma identidade partilhada, que a torna particular e distinta de outras organizações. (Bilhim, cit. por Rebelo, Gomes e Cardoso, 2001).

É também através dos meios de comunicação que os alunos poderão ser levados a conhecer as instituições escolares, através das manifestações verbais e conceptuais, visuais e simbólicas, à luz do paradigma da "cultura organizacional", defendido por António Nóvoa. Esta "cultura de escola", transforma-se numa cultura de massa através dos media, assim como, na divulgação dos "Rankings" Nacionais das escolas, que induzem a sociedade a construir uma imagem da qualidade de ensino das instituições, promovendo a reputação da escola.

¹ Fórum Estudante - Feira anual onde estão representadas várias Instituições escolares do ensino secundário e universitário.

Atualmente um dos veículos de comunicação em massa é a internet, que se tornou indispensável à socialização e formação do indivíduo, e é considerada como uma extensão do indivíduo e um meio para a compreensão do Mundo. É indiscutível a necessidade de qualquer tipo de organização promover o seu produto através da internet. No caso concreto da Instituição em estudo, existem a página oficial da escola e vários grupos nas redes sociais.

A problemática da questão da escolha das Escolas Secundárias em Portugal através da sua Imagem Social é um processo de origem social e mediático, num mercado educativo, concorrente e autónomo, que surge no nosso país, por efeito de contaminações internacionais, ao nível das Políticas Educativas e que tem provocado alterações, no modo de regulação no sistema educativo.

Com efeito, ao longo dos últimos vinte anos o modo de regulação vertical das políticas educativas, assente na autonomia do Estado e na sua relação privilegiada com os profissionais (modelo burocrático-profissional), tem vindo a ser tendencialmente substituído por novos modos de regulação, que promovem a avaliação dos resultados, dos modos de funcionamento e das pessoas, a definição de objetivos curriculares standardizados, a livre escolha da escola pelos pais, a autonomia de gestão e a autonomia pedagógica dos estabelecimentos escolares, o desenvolvimento da formação contínua, um acompanhamento de proximidade dos profissionais, ou a descentralização das competências educativas do Estado para escalões intermédios e locais. (Barroso, 2006)

Em Portugal, ao nível do Ensino Secundário a escolha da escola não se traduz na zona de cada estabelecimento de ensino, definida na Carta Escolar. Com a escolaridade obrigatória criaram-se estratégias políticas e mecanismos de oferta de percursos escolares diversificados, através dos quais se procura fixar a população discente, evitando o abandono escolar. Citem-se a propósito, a introdução de áreas específicas bem como a criação de cursos de educação formação (CEF's)² e cursos de formação de adultos (EFA's)³ no âmbito do programa Novas Oportunidades.

² Cursos destinados preferencialmente a jovens com idades iguais ou superiores a 15 anos, em risco de abandono escolar ou que não concluíram o ensino secundário, ou ainda aqueles que não têm qualificação profissional. Confere qualificação 1, 2, 3 e certificação de conclusão do 6º, 9º e 12º anos de escolaridade.

³ Cursos de Educação e Formação de adultos - alunos com idade igual ou superior a 18 anos, sem qualificação para efeitos de inserção ou progressão no mercado de trabalho. Com ou sem a conclusão do ensino básico ou secundário.

Como consequência da Imagem das Instituições, as escolas viram-se forçadas a criar medidas de seleção (Anexo B) nos seus Regulamentos Internos para a inscrição dos alunos, estas medidas são baseadas à margem da autonomia dos atores locais, tornando assim a escola a escolher os alunos. Ao nível da Administração e Gestão Escolar as Instituições promovem-se aceitando alunos que mantenham os níveis de sucesso, garantindo assim a sua mediática e mercantil "Imagem da Escola".

Nas páginas seguintes, tentarei contextualizar a problemática descrita, na perspectiva cultural, que ajuda a compreender e explicar as questões relativas à Imagem da Escola.

1.1 - Cultura Organizacional

Até ao séc. XV, o termo cultura era apenas utilizado para denominar o trabalho da terra, passando a ser, mais tarde à cultura do corpo e do espírito. Só nos finais do séc. XIX o termo começou a ser utilizado no âmbito das Ciências Sociais, nos domínios da Sociologia e da Antropologia. Nesta perspetiva o termo assume uma definição complexa: para se ter uma noção dessa complexidade, refira-se que em 1952, A. Kroeber e C. Kluckhohn, apresentaram 136 definições do termo cultura. Vulgarmente o sentido que se dá à palavra "cultura", está ligado às criações artísticas, como à literatura, à música e à pintura entre outras. Por outro lado, nas Ciências Sociais, o termo cultura designa o conjunto das crenças e das práticas das sociedades ou de um grupo social em particular. (Étienne, et al, 2008)

Esta perspectiva antropológica de cultura começou a ser aplicada na análise das organizações nos anos 80 do séc.XX.

Em Portugal, António Nóvoa resume de uma forma sintética a evolução na investigação em educação, resultando a seguinte esquematização. Entre os anos 50 e 90 observou-se uma atitude evolutiva nas ideias sobre educação. Até aos anos 50 a investigação estava centrada no indivíduo-aluno. Durante os anos 50/60 esta passa a centrar-se nos processos de sala de aula. Uma década depois 60/70 no Sistema Educativo. No decorrer dos anos 70/80 retorna-se a uma investigação centrada na turma e na sala de aula. É só apenas nos anos 80/90 que as investigações se encaminham primordialmente para a escola como organização. (Costa, 1996)

Scott e Marshall (2009), definem-na como:

"The values, norms, and patterns of action that characterize social relationships within a formal organization. This concept came to the fore in a series of British and American management texts of the 1980s, which attempted to explain either (or sometimes both) the difficulties of Western businesses in coping with the economic recession, and the challenge of the Japanese".⁴

Desde que o Japão se tornou uma potência industrial, líderes, organizações, teóricos e gestores tem mais noção da relação que existe entre a cultura e gestão. Na década de 60, a indústria americana ostentava a sua superioridade mundial. No entanto, na década de 70 no Japão as indústrias de automóveis, de eletrônica e transformadoras cresciam gradualmente, competindo com as americanas. Os mercados internacionais passam a ser liderados pelos japoneses, estabelecendo-se uma solida reputação ao nível da qualidade, de fiabilidade, e de valor dos seus produtos e serviço. O Japão alcançou a maior taxa de crescimento e o mais baixa taxa de desemprego, tendo conseguido sobre as cinzas da Segunda Guerra Mundial. O Japão conseguiu construir um império industrial, para o qual terá contribuído a cultura do país.

"Although different theorists argued about the reasons for this transformation, most agreed that the culture and general way of life of this mysterious Eastern Country played a major role".⁵ (Morgan 2006, p.116)

Na década de 80 do séc.XX, surgiram trabalhos sobre a cultura organizacional sendo uma referência na comunidade científica, tais como os de William G. Ouchi (Teory Z, 1981), Thomas J. Peters e Robert H. Waterman (In Search of Excellence, 1982), Walter Goldsmith e David Clutterbuck (The Winning Streak, 1984), Richard Tanner Pascale e Anthony G. Athos (The art of Japanese Management, 1981) e Terence Deal e Alan Kennedy (Corporate Cultures, 1982).

Nos Estados Unidos da América além dos trabalhos realizados por Pascale & Athos, surgiram outras abordagens do conceito que foram aprofundadas por Morgan, Strategor, Deal, Kennedy, Foster. Deal & Kennedy defendiam que

⁴ Os valores, normas e padrões de ação que caracterizam as relações sociais dentro de uma organização formal. Este conceito veio à tona nos anos 80 numa série de textos ingleses e americanos de gestão, que tentaram explicar as dificuldades das empresas ocidentais em lidar com a recessão econômica, e o desenvolvimento dos japoneses. [tradução nossa]

⁶ Embora diferentes teóricos argumentaram sobre as razões para esta transformação, a maioria concordou que a cultura e a forma geral de vida deste país oriental misterioso desempenharam um papel importante. [Tradução nossa]

(...) "o indicador fundamental das empresas de sucesso (à semelhança do que acontece nas empresas japonesas) é o tipo de cultura presente em cada uma dessas organizações, designadamente a existência de uma cultura forte (valores, mitos, heróis e outros elementos simbólicos identificados e partilhados pelos membros da organização)". (Costa 1996, p.112)

Dá-se início a um movimento nas empresas americanas e europeias, inspirado nas japonesas, passam a valorizar-se os trabalhadores, a satisfação e a sua integração na organização⁶, promovendo-se uma cultura organizacional própria. (Costa, 1996)

O conceito de cultura organizacional, desenvolvido nas empresas, passou a aplicar-se também às instituições escolares, vista como organizações onde se afirmam e desenvolvem valores, crenças e sentidos partilhados entre os próprios membros.

1.2 - Imagem e Cultura de Escola

Segundo Erickson (1987), a cultura é o conhecimento adquirido de um conjunto de enquadramentos interpretativos ou metáforas para dar sentido à experiência e ao comportamento. Dentro deste domínio ele identifica três concepções distintas de cultura:

1ª - Pequenos pedaços de informação criada por um grupo embora ninguém tenha acesso ao repertório completo.

2ª - Como um conjunto mais limitado de pedaços de informação organizados em conceitos ou símbolos fundamentais que são amplamente partilhados e aceites como realidade.

3ª - Como o resultado do conflito entre vários grupos de interesse dentro de um determinado sistema social. Pedaços de informação criados constantemente, podem ser aprendidos, esquecidos, aceites ou ignorados dependendo da posição do grupo na ordem social.

Bates, desenvolve a terceira concepção de Erikson, e parte do princípio que a cultura coletiva defendida por administração tradicional/ central, não fomenta a individualidade e características das escolas, cada instituição escolar tem a sua cultura própria.

⁶ Anthony Giddens (2010) - Organização - Um grupo grande de indivíduos, onde existe um conjunto definido de relações de autoridade. Há muitos tipos de organização em sociedades industriais, que influenciam a maior parte dos aspetos das nossas vidas. Embora nem todas as organizações sejam burocráticas num sentido formal, há laços estreitos entre o desenvolvimento das organizações e tendências burocráticas.

*"It is only within such an understanding of the struggles between cultures in the wider society, of their historical development and the structures of domination and subordination that exist among them, that we can begin to understand the complex features of the cultures of schools, the linkages that exist with the various cultures in the wider society and the limits and possibilities of administration in the development and modification of such culture offered by advocates of the managerial tradition is an impoverished substitute for such understanding."*⁷ (Erickson 1987:92 cit por Bacharach e Mundell, 1995, p.117)

Corbett, Firestone e Rossman, aceitam a definição de cultura defendida por Wilson (1971) como: *"symbolically shared and transmitted Knowledge of what is, and what ought to be, symbolized in art e artifact"*⁷ (Erickson 1987, p.37 cit Por Bacharach e Mundell, 1995, p.117) Defendem que a identidade de uma organização fundamenta-se em duas normas: as sagradas e as profanas. Por um lado as sagradas são as "âncoras" da identidade da organização, enquanto as profanas são imprescindíveis à mudança e melhoramento do conhecimento e práticas. (Bacharach e Mundell, 1995)

*"As an cultural norms that affect school improvement, including collegiality, caring, celebration, humor, and traditions."*⁸ (Saphier & King, cit. por Bacharach & Mundell, 1995, p.117)

As escolas desenvolvem valores, (...) *"heroines, rituals, ceremonies, stories, and a informal network of cultural players (priests/ priestesses, storytells, gossips and spies)."*⁹ (Bacharach e Mundell 1995, p.117) O significado e compromisso de uma escola depende destes símbolos e das relações que se estabelecem entre eles. Uma Escola que defenda estes símbolos cria uma rede fundamental de subculturas competitivas de professores, estudantes, pais, e administradores.

Segundo Nóvoa (1992), foi através da Sociologia que a Ciência da Educação conseguiu passar da visão micro de sala de aula para a visão macro, contextualizando todos os fatores culturais de uma escola e tomadas de decisões, sejam elas de carácter educativo, curricular ou pedagógico e tendo em consideração a complexidade técnica, científica e humana.

"As escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos atores educativos internos e externos; por isso, a sua análise só tem um verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e ação educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia stricto sensu." (Nóvoa 1992, p.16)

⁷ (...) conhecimento simbolicamente partilhado e transmitido do que é e o que deve ser simbolizado em arte e artefactos. [Tradução nossa]

⁸ (...) sugerem normas culturais que afetam o melhoramento das escolas incluem colegialidade, o zelar, a celebração, o humor e tradições. [Tradução nossa]

⁹ (...) heroínas, rituais, cerimónias, histórias, e uma rede informal dos jogadores culturais (o padre / sacerdotisa, o contador de histórias, fofoqueiros e espiões). [Tradução nossa]

A individualidade de cada escola é a sua cultura própria, com valores partilhados que se refletem no sucesso de cada instituição, sendo a mesma aproveitada numa perspetiva evolutiva e diversificada contrapondo a ausência cultural e simbólica das instituições.

A cultura da instituição é representada pelas características do funcionamento da organização, pelas manifestações e práticas quotidianas dos seus atores; de acordo com António Nóvoa terá que existir uma interação com a comunidade de todos os elementos da cultura organizacional (configuração interna), como tipo de relações que se estabelece, sendo estas de ordem histórica, ideológica, sociológica e psicológica, numa perspetiva antropológica.

A cultura organizacional das Instituições escolares, traduz-se na imagem que os atores internos e externos constroem de acordo com as suas perceções que dela têm. Como refere, Ballion (1982)¹⁰.

*"L'image est une représentation mentale d'une donnée sensible. C'est le résultat du processus qui consiste à combiner un certain nombre d'informations sur la réalité pour construire une entité, une unité. L'image d'un établissement scolaire est, plus précisément, une réputation, c'est-à-dire un jugement global que l'on porte sur cette identité."*¹¹ (Ballion, 1982, p.231)

Para abordar a temática de escola, mobilizaremos os conceitos de Imagem guia, Imagem Social / Imagem Externa e Imagem Interna de Escola, tal como Ballion os desenvolveu.

1.3 - Imagem Guia

Segundo Ballion (1982), a Imagem de uma instituição escolar é aquilo a que vulgarmente chamamos de reputação. Surge pela necessidade de as famílias e os alunos compreenderem e se identificarem com um conjunto de fatores, que caracteriza uma escola. Essa representação mental passa por um julgamento global que o autor designa por "Imagem guia". Os fatores que determinam essa "Imagem guia" são: as tradições, os

¹⁰ Robert Ballion - Sociólogo Francês que desde os anos 80 desenvolveu investigações sobre a escolha dos estabelecimentos de ensino.

¹¹ A imagem de escola é uma representação mental de dados sentidos. É o resultado de um processo que consiste na combinação de um certo número de informações sobre a realidade para construir uma identidade, uma unidade. A imagem do estabelecimento escolar é precisamente a sua reputação, quer dizer um julgamento global, sobre esta Identidade. [tradução nossa]

rankings, o lugar, o extrato social dominante, o clima da escola, o tipo de clientela/alunos, a disciplina, a localização geográfica, o edifício, os rumores, a divulgação pelos meios de comunicação sobre a escola, entre outros.

1.4 - Imagem Interna de Escola

A Imagem Interna pressupõe a participação de todos os atores da comunidade escolar (Direção, alunos, professores, auxiliares de ação educativa) dentro dos vários sistemas internos da organização. Logo, cada ator cria a sua própria imagem interna da escola. Cada subgrupo dentro da organização constrói a sua imagem interna de escola, de acordo com as vivências e participação no sistema de ação. A Imagem Interna da escola percebida por um aluno não será a mesma que a do Diretor da Instituição escolar, ou mesmo entre dois alunos, pois cada um terá as suas próprias referências/valores. Como refere Ballion (1982):

"Chaque catégorie construit son image à partir de sa participation diversifiée aux systèmes d'action et en confrontant les données recueillies à ses propres référentiels." ¹² (Ballion 1982, p.215)

Estudos revelam uma grande unidade das imagens internas, facto que se deve ao peso das representações coletivas,

(...) "l'image interne est externe à l'individu. Elle exist dans l'établissement et s'exprime sous forme de clichés repris par tou, comme une réalité sui generis qui organise les représentation et les jugements des personnes." ¹³(Ballion 1982, p.215)

1.5 - Imagem Social de Escola / Imagem Externa

A Imagem de um estabelecimento de ensino é considerada por Ballion (1982), como a reputação que a escola emana para o exterior através dos indivíduos que não têm relações diretas com a escola. A Imagem Externa dos indivíduos que, estão situados fora

¹² Cada categoria constrói a sua imagem a partir da sua participação diversificada nos sistemas de ação e confrontando os dados recolhidos às suas próprias referências. [tradução nossa]

¹³ (...) a imagem interna é externa ao indivíduo. Ela existe no estabelecimento e exprime-se sob a forma de clichés assumidos por todos como uma realidade própria sui generis que organiza as representações e os julgamentos das pessoas. [tradução nossa]

do estabelecimento, e que não têm relações permanentes com ele. A Imagem Externa é aquela que é emanada ou visível para o exterior como: as tradições, os rankings, o lugar, o extrato social dominante, o clima da escola, o tipo de clientela/alunos, a disciplina, a localização geográfica, o edifício, os rumores e a divulgação pelos meios de comunicação. Ballion (1982), defende ainda que a Imagem Externa se fundamenta em rumores comparativamente à Imagem Interna, definindo o rumor como um mercado negro da informação.

Quer isto dizer que a reprodução de informação não é vivenciada por quem a exprime, sendo apenas possível aos agentes internos do estabelecimento serem conhecedores da realidade. A Imagem Externa determina a escolha da escola. Uma boa reputação para as pessoas do exterior é desvalorizada na opinião dos agentes internos. Do mesmo modo, as apreciações negativas são mais moderadas na opinião daqueles que podem diretamente julgá-las.

Partindo do princípio de que a imagem Externa é, essencialmente, o reflexo da Imagem Interna, porque a segunda gera a primeira. Ballion (1982), defende a existência de duas categorias para a construção da reputação/ Imagem de uma instituição escolar:

1ª Categoria é representada pelos responsáveis (professores, diretores de outras escolas, responsáveis administrativos) assim como pelos utentes do sistema (alunos e pais). Esta primeira categoria representa os atores diretamente interessados.

2ª Categoria é composta por "autoridades" locais, empresas e outros membros da comunidade local representando os atores do sistema indiretamente interessados na reputação da escola, mas que têm um papel importante na transmissão da mesma.

A construção de Imagem seja ela Social/ Externa ou Interna de Escola feita na base de um juízo de valor inerente a cada indivíduo. Como tal ter-se-á que analisar o conceito de valores e a sua formação.

1.6 - Valores

Não sendo a Sociologia uma Ciência valorativa, reconhece os valores como fatos sociais, os valores poderão dar resposta às mudanças das sociedades. Os valores podem ser

imputados contribuindo para uma uniformização das sociedades regidas por um conjunto de regras, ou modelos culturais, tendo em conta a individualidade psíquica das pessoas. Através dos valores sociais estabelece relações, que são características da identidade.

Os valores podem ser evidenciados em dois níveis de abstração:

"1º Ideias que servem de critérios de referência, de apreciação e de referência;

2º Os valores são considerados como ideais coletivos, dentro de uma sociedade. Determinam o que é certo ou errado, bonito ou feio, sendo estes considerados interdependentes. Os valores estão integrados num “sistema de valores”. (Marques, 2004)

Durkeim, considera que o individuo deve adquirir valores comuns para a sua integração na sociedade. No entanto, constatou que os valores tradicionais estão derrubados pelas sociedades modernas. Como consequência os valores e as normas coletivas deixam de exercer uma regulação sobre os comportamentos humanos. Desenvolve então a ideia de individualismo, que segundo a sua perspectiva era perigoso numa sociedade caso não fosse acompanhado pelo desenvolvimento dos valores humanistas. O individuo toma consciência da sua dignidade enquanto homem e da necessidade de justiça social indo ao encontro do respeito dos Direitos do Homem. (Marques, 2004)

Contrariamente a Durkeim, Max Weber não considera válida esta criação de novos valores. Para Weber a ciência e os valores encontram-se em campos opostos e são vistos separadamente. Percursor da fase do “desencantamento”, torna-se revivalista em relação aos valores transmitidos. Os princípios éticos ou “Juízos de valores”, não poderiam ser justificação para uma apreciação, mas sim o que passa a ser relevante é a relação dos indivíduos com os valores. (Marques, 2004)

Talcott Parsons, defende a corrente funcionalista que teve um papel importante na análise das sociedades modernas. Vários estudos foram realizados sob esta perspectiva de comparar diversas sociedades a partir de valores fundamentais que as caracterizavam. E. Albert contrapõe esta teoria, defendendo que a sociedade nunca poderia ser observada como um sistema fechado baseado em valores que impedem a percepção das transformações sociais. (Marques, 2004)

Na perspectiva de Hofstede (1991)¹⁴, existe uma analogia entre a forma como os computadores são programados e a programação mental das pessoas. Isto não significa que as pessoas são programadas da mesma forma, como os computadores. Esta programação mental apenas indica as reações mais prováveis e compreensíveis em função do passado de cada um.

"Transportamos padrões de pensamento, de sentimentos e de ação potencial, que são o resultado de uma aprendizagem continua. " (Hofstede 1991, p.18)

As programações mentais estão na origem dos diversos ambientes sociais que o homem enquanto individuo passa no decorrer da sua vida. Tendo início na família, no bairro, na escola, nos grupos de jovens, no local de trabalho e na comunidade. *"Os programas mentais variam, tanto quanto, os ambientes sociais onde são adquiridos".* (Hofstede 1991, p.19)

Segundo Hofstede (1991), os valores são adquiridos pela criança até aos dez anos de vida através da observação e imitação dos adultos e de outras crianças, mais do que por doutrinação. Nesta idade a maioria das crianças tem o seu sistema básico de valores formado, tornando-se difícil alterá-los. *"A forma como os pais vivem a sua cultura fornece à criança a sua identidade cultural".* (Hofstede 1991, p.275) Os valores são aprendidos muitas vezes de forma inconsciente, e apenas poderão ser deduzidos através da forma como as pessoas atuam em várias situações. Todos nós utilizamos critérios baseados em valores em que acreditamos, se assim não fosse seríamos aquilo a que Hofstede chama de

(...) "pessoas alienadas, privadas do sentido da sua identidade. O sentido da sua identidade dá um sentimento de segurança que permite a abertura no contacto com outras culturas". (Hofstede 1991, p.273)

Por fim, Raths, Harmin e Simon, (Curwin 1993, p.11) defendem que o seu modelo de valores que é de grande utilidade na realização de estudos ao nível da educação. Este modelo de formação de valores está dividido em três etapas: a seleção, a apreciação e a atuação. Apresentando assim as três etapas:

"Seleção

- 1. Escolhe-se livremente um valor.*
- 2. Escolhe-se um valor entre uma série de alternativas.*
- 3. Escolhe-se um valor após uma detida reflexão sobre as consequências de cada alternativa.*

¹⁴ Geert Hofstede – Professor Universitário de Antropologia Organizacional e Gestão Internacional na Holanda em Maastricht. Fundador e Diretor do Instituto de Investigação em Cooperação Intercultural (IRIC). Fundador e Gestor do Departamento de Recursos Humanos da IBM- Europa.

Apreciação

- 1. Aprecia-se um valor. A pessoa está satisfeita com a sua escolha.*
- 2. Aprecia-se um valor o suficiente para o afirmar em público. A pessoa está bastante orgulhosa de um valor para o manifestar abertamente e não mostra nenhum desejo de o ocultar.*

Atuação

- 1. Põe-se em prática um valor, não só se fala dele.*
- 2. Põe-se em prática um valor de forma constante. É uma linha de conduta."*

Das noções de formação de valores apresentadas, o presente estudo irá seguir o modelo de Raths, Harmin e Simon, porque considera-se o mais adequado à problemática apresentada, bem como à sua forma temporal, que se enquadra na metodologia deste estudo.

Ou seja, o processo de formação de valores está dividido em três partes: seleção, apreciação e atuação, que neste estudo corresponderão à seguinte organização:

A Seleção aplica-se aos alunos do 10º ano de escolaridade, (Amostra1), que corresponderá à percepção que os alunos têm da Imagem Social Externa, na perspetiva dos valores. A Apreciação e Atuação, dizem respeito aos alunos do 12º ano (Amostra 2) e permitirão averiguar qual a imagem que estes têm da escola, colocando em prática os valores e sua conduta, no âmbito da Imagem Interna da Instituição.

Capítulo 2. Investigação em ação

Neste Capítulo, iremos justificar qual a metodologia utilizada, as estratégias de investigação, as razões que nos levaram a realizar o nosso estudo na Escola Artística António Arroio, a recolha de dados (procedimentos adotados em trabalho de campo para a sua aplicação), a seleção dos inquiridos, opções adotadas para o tratamento de dados e a taxa de respostas por categoria.

No início desta investigação, colocou-se como hipótese utilizar os dois métodos de investigação: qualitativo e quantitativo e proceder a uma relação entre os dois. No entanto, para a viabilidade do estudo, optou-se por proceder apenas ao estudo qualitativo, por ser mais indicado para o objetivo em estudo. Devido ao número elevado de inquiridos revelou-se bastante complexo e demorado o tratamento dos dados, por outro lado, foi mais funcional a recolha de informação. Outro fator muito importante foi a investigação ser direcionada para uma comparação entre as duas Amostras: uma representativa da Imagem Interna e outra da Imagem Externa. Com a finalidade de averiguar, qual a perceção que os inquiridos (alunos do décimo e décimo segundo ano de escolaridade) tinham sobre a Imagem Social da escola: Externa e Interna, e apurar quais os fatores mais importantes para a escolha desta escola.

2.1 - A investigação qualitativa em Educação

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa incide sobre diversos aspetos da ação educativa. Revela interesse em saber as várias perspetivas dos participantes, ou seja, as questões das investigações centram-se na perspetiva dos indivíduos. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem, estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, quer com isto dizer que o investigador preocupa-se com aquilo que se designa por "perspetiva participantes", averigua as opiniões e perspetivas dos sujeitos.

Na presente investigação estudamos as perspetivas dos alunos do 10º ano e do 12º ano, procedendo a uma comparação de como era percecionada a Imagem Social da Escola, através das mesmas questões.

"Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração sobre as experiências e pontos de vista do informador." (Bogdan e Biklen, 1994 p. 51)

A utilização do método qualitativo, visa compreender um fenómeno, pelo ponto de vista daqueles ou daquelas que vivem ou viveram essa experiência. Fortin (2009)

Fortin (2009) defende que nesta abordagem o investigador não se coloca como perito, dado que é de uma nova relação sujeito objeto de que se trata. O sujeito produtor de conhecimentos está enquanto ser humano, dotado de um saber e de uma experiência que se lhe reconhece.

Neste caso específico a partilha da mesma cultura de escola. Em alguns casos, frequentemente os investigadores, designam os sujeitos em estudo como “co-investigadores”, a investigação é realizada com, e não, para as pessoas de interesse. A abordagem qualitativa é suportada no raciocínio indutivo. Neste caso, ao iniciar-se o processo de investigação, abstivemo-nos de recorrer a uma teoria já existente.

As etapas do processo de investigação qualitativa realizam-se simultaneamente ou de forma interativa. As principais etapas são: a formulação de um problema; elaboração das questões; escolha do método de recolha de dados; a escolha de um contexto social e de uma população; elaboração das hipóteses e por fim a reformulação do problema, ou das questões de acordo com a aquisição de novos dados da investigação. Muitas vezes num paradigma qualitativo, as etapas do processo de investigação são realizadas ao mesmo tempo. (Fortin, 2009)

Dada a complexidade das situações e da necessidade crescente de informação qualitativa que explique a informação quantitativa de forma mais completa, recorre-se, cada vez mais à realização de estudos de caso. (Barañano, 2008) Sob este pressuposto iremos apresentar de seguida a estratégia de investigação utilizada.

2.2 - Estratégias de investigação

Para realização desta investigação o estudo de caso foi o método utilizado, porque se pretende analisar situações específicas, de uma identidade coletiva ao nível dos seus aspetos sociais e culturais, permitindo a análise da realidade social do grupo em estudo.

"O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico." (Merriam, cit por Bogdan e Biklen, 1994, p.95) "A maioria das pessoas pensa que todos os estudos de caso são descritivos. Embora eles sejam, tendencialmente descritivos, podem assumir uma grande diversidade de forma e objetivos." (Bogdan e Biklen, 1994 p.97)

O estudo de caso serve para, obter informação, sobre um caso representativo de uma população, com o intuito de conhecer melhor essa população. (Baraňano, 2008) Procuram-se encontrar e avaliar, locais ou fontes de dados para alcançar os objetivos do estudo e sua viabilidade. Inicia-se a recolha de dados, revendo-os e explorando-os e tomam-se decisões relativas ao objetivo do trabalho. Planifica-se o estudo, define-se quais as pessoas a inquirir e os aspetos a considerar. À medida que a investigação se desenvolve, poderão modificar-se aspetos do seu contexto, indivíduos ou fontes de dados a estudar. Procedendo assim, à delimitação da área de trabalho. (Bogdan e Biklen, 1994)

Em conformidade com a metodologia apresentada, o presente estudo poderá ser aplicado em outros estabelecimentos de ensino.

2.3 - Razões da escolha do local

As motivações que me levaram à escolha desta instituição escolar foram a sua importância no desenvolvimento e melhoramento na educação artística do ensino público português, ao longo de décadas, tendo alcançado o reconhecimento de todos os atores internos e externos e conquistado o seu lugar na sociedade portuguesa. Como também, do reconhecimento, da gratidão e saudades que inúmeros artistas plásticos que lá iniciaram a sua formação académica e artística, o têm demonstrado publicamente. Atualmente sou professora e cada vez mais reconheço que a Escola Artística António Arroio, tem vindo a promover o ensino artístico através da diferença, criando vínculos e marcas ao longo de gerações. Não só estes fatores foram relevantes para esta escolha, mas também pelas memórias e vivências de uma cultura de escola muito própria, que eu vivenciei enquanto aluna e neta de um ex-aluno, que se referia à Escola Artística António Arroio com orgulho e saudade.

A caracterização da Escola, que apresentaremos de seguida, ajudará a compreender melhor o contexto onde o estudo foi realizado.

2.4 - Caracterização da Escola Artística António Arroio

A Escola Artística António Arroio está situada em Lisboa na freguesia de São João, na qual está inserida administrativamente. Tem como patrono António José Arroyo oriundo de uma família ligada ao meio artístico, nascido no Porto a 19 de Fevereiro em 1856 e que acabou por falecer em Lisboa a 25 de março de 1934.

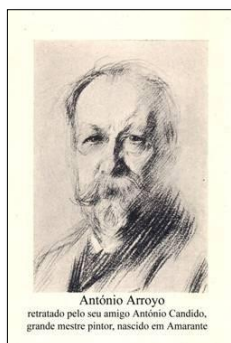


Figura1: Retrato de António Arroyo.

Teve uma vida profissional ativa nas várias vertentes em que se envolveu: foi engenheiro, político, crítico de arte, professor e ainda conferencista. Escreveu obras relacionadas com a música, com as artes plásticas e com a literatura. Em Portugal, foi o promotor do ensino técnico de artes aplicadas. Depois da morte de António Arroyo, em 1934, foi atribuído o seu nome à então recém-criada Escola Industrial de Artes Aplicadas.

Em 1919, sob a direção de Roque Gameiro, fora fundada a Escola de Arte Aplicada em Lisboa, que manteve durante onze anos um ensino especializado das artes industriais. Entre 1930 e 1934 a escola foi extinta, devido à reduzida frequência de alunos e de uma nova organização do ensino técnico profissional, instituída pelo decreto-lei nº 18:420, de 4 de junho de 1934, passando a funcionar durante esses quatro anos na Escola Industrial Fonseca Benevides.

Em 1934, ano da morte de António José Arroyo foi fundada a Escola Industrial António Arroio, que se fundiu com a Escola de cerâmica António Augusto Gonçalves, fundada em 1924, na qual eram lecionadas áreas profissionais de (...) "*cerâmica, cantaria, cinzelagem, talha, desenho litográfico, labores femininos, e ainda habilitação às escolas de belas artes*". (Arroio, 2011)

Em 1948, sob a direção de Rogério Andrade a Escola passou a chamar-se Escola de Artes Decorativas António Arroio. Em 1953, Lino António, assume a direção da escola,

onde se começam a lecionar novos cursos: desenhador gravador litógrafo, pintura decorativa, escultura decorativa, cerâmica decorativa, cinzelagem e mobiliário artístico.

Entre 1964 e 1965, devido ao excesso de alunos para a frequência destes cursos, surge uma nova secção na Escola Preparatória Manuel da Maia e entre 1965 a 1970 na Escola Industrial Marquês de Pombal. Em 1970 a Escola transfere-se definitivamente para o novo edifício onde ainda hoje a escola permanece. A procura de alunos pela escola foi notória ao longo dos anos.

Em 2009 procedeu-se ao início do projeto de remodelação do edifício, em que estava previsto quase o dobro da área inicial da escola.

(...) "para além das múltiplas salas de aula, espaços destinados às práticas laboratoriais das ciências físico-químicas aplicadas e oficinais das várias áreas tecnológicas ministradas no âmbito da cerâmica, dos têxteis, da ourivesaria, da realização plástica do espetáculos, do equipamento, das artes gráficas e dos audiovisuais, salas de desenho, de computação gráfica, de desenho assistido por computador e tecnologias de informação e comunicação, uma galeria de exposições, ateliês de artes plásticas, uma biblioteca centro de recursos, ginásios e balneários, uma loja, um bar e um refeitório, uma galeria de exposições e um espaço museológico, um espaço de serviços administrativos e gabinetes da direção executiva, dos diretores de turma, da educação especial, do serviço de psicologia e orientação, do espaço aluno, dos cursos e departamentos e das associações de pais e de estudantes." (Arroio, 2011)



Figura 2: " Edifício escolar antes da remodelação de 2009

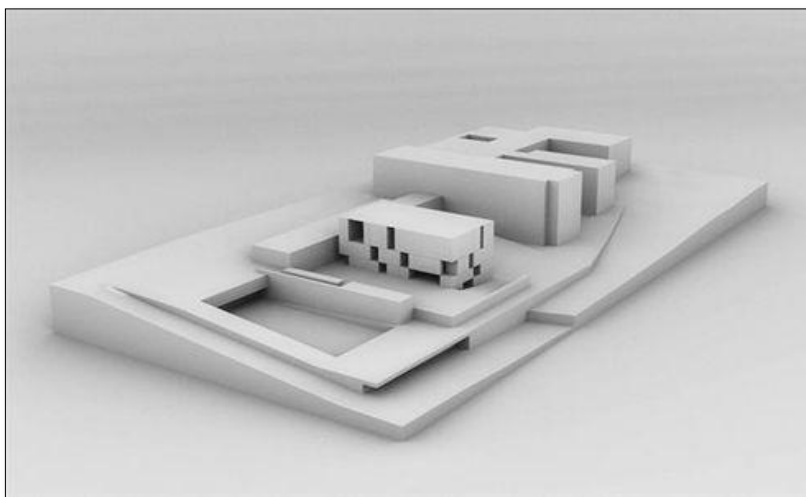


Figura 3 : Projeto da remodelação do edifício escolar.

Regressando à década de setenta, e às consecutivas alterações nas políticas educativas de um país que tinha renascido de um sistema político ditatorial, o ensino artístico sofreu grandes alterações quer a nível curricular quer a nível administrativo. Anteriormente a este período em 1971, (...) "foi implementada a reforma de que resultou a reformulação dos cursos gerais (trienais) e a introdução dos cursos complementares (bianuais) vocacionados para o acesso ao ensino superior. Os cursos de artes visuais foram organizados nas áreas de equipamento e decoração de artes do fogo, artes gráficas, imagens e artes dos tecidos." (Arroio, 2011)

Com as reformas educativas do pós 25 de abril de 1974, os cursos do ensino técnico profissional foram sendo extintos e substituídos pelos cursos unificados em todos os liceus e escolas técnicas, passando estas a chamarem-se escolas secundárias. Neste contexto, a escola passa a designar-se Escola Secundária António Arroio. Apenas seis anos mais tarde em 1980, o ensino artístico é novamente estruturado, criando-se duas vias para concluir o 12º ano (vocacional e técnico profissional), com a duração de três anos, exceto os cursos profissionais de cerâmica e artes gráficas que tinham a duração de apenas um ano, após o 9º ano de escolaridade.

Em 1993, a Escola Secundária António Arroio, passa a chamar-se Escola Secundária Artística António Arroio. Esta alteração foi sustentada na lei de bases do sistema educativo e na legislação referente à organização do ensino artístico. Ainda no mesmo ano foram criados mais oito cursos na escola, dois deles cursos gerais I e II e em 1998 estes passam a ser apenas um curso, não tendo os restantes sofrido alterações ao nível curricular.

No ano letivo 2004/2005, com a reforma educativa do ensino secundário, a escola Artística António Arroio introduz em regime experimental mais quatro cursos: produção artística, comunicação audiovisual, design de comunicação e design de produto. Deste modo os alunos poderão optar entre um curso científico-humanístico de artes visuais e um curso de ensino artístico especializado. (Anexo C)

Atualmente a Escola Artística António Arroio dispõe de:

(...) "um serviço de psicologia e orientação dinamizado por uma psicóloga que, no âmbito das suas competências, presta aos alunos apoio psicológico, psicopedagógico e de informação e aconselhamento vocacional. Sendo inclusiva, é uma escola de referência para a educação bilingue de alunos surdos, oferecendo respostas educativas específicas e diferenciadas. Com um núcleo de educação especial dinamizado por duas docentes e três intérpretes de língua gestual portuguesa, a escola acolhe ainda alunos com outro tipo de necessidades educativas para as quais procura encontrar as melhores respostas." (Arroio, 2011)

No ano letivo em que se procedeu à aplicação dos questionários, era diretor da escola José Paiva. A população estudantil era de mais de 1100 alunos dos cursos diurnos e noturnos, na sua maioria habitantes da cidade de Lisboa, sendo a restante população estudantil oriunda dos vários concelhos fronteiriços. Em 15 de maio de 2013 foi eleito como Diretor o Professor Rui Madeira para o mandato quadrienal 2013/2017, tendo tomado posse em 6 de junho de 2013.

Com a sua já longa história, a Escola Artística António Arroio é rica em rituais e cerimónias que perduram ao longo dos tempos e a caracterizam como uma cultura de específica. As praxes de receção aos caloiros são inconfundíveis, assim como o batismo na Fonte da Alameda Afonso Henriques. Na época do carnaval os Arroiamos¹⁵ fazem um desfile até à "Escola Mãe"¹⁶, com a participação de alunos, animando a cidade de Lisboa e promovendo a participação de atores externos da instituição.

Desde a sua criação que a Escola Artística António Arroio tem vindo a promover o ensino artístico através da diferença e deixando vínculos e marcas ao longo de gerações, tendo alcançado o reconhecimento da maioria dos atores internos e do meio educacional social. A escola conquistou um lugar na sociedade, formando "jovens criativos" no sentido

¹⁵ Nome que se atribui aos alunos que frequentam a Escola Artística António Arroio.

¹⁶ Primeiro edifício junto à Escola Secundária Camões.

de respeitar o direito à diferença e entender o significado e conceito da palavra "liberdade". Como é referido no Projeto Educativo: "Não abdicuem nunca da vossa vontade (...) Sejam, sempre, senhores da vossa liberdade"¹⁷ (Arroio, 2011)



Figura 4 : "Escola Mãe".

¹⁷ Palavras do pintor João de Mello Falcão Trigoso aos seus alunos. Este professor foi diretor da Escola Industrial de António Arroio (Arte Aplicada) entre 1934 e 1941. (Arroio, 2011)

2.5 - Técnicas de recolha de dados: Pesquisa documental, Inquérito por questionário. Procedimentos adotados, para a sua aplicação.

Na investigação qualitativa, as principais técnicas de recolha de dados são: realização de entrevistas; inquérito; questionários, observação direta; observação dos participantes; o diário; as gravações e vídeos. No entanto, o método qualitativo é limitado a uma pequena amostra. (Fortin, 2009)

Tendo em vista a caracterização da Escola, procedemos à análise do seu Regulamento Interno e do Projeto Curricular. Para a recolha de dados optou-se pela aplicação de um questionário (Anexo - A), pois nos pareceu o método mais viável, devido à sua aplicabilidade num número elevado de inquiridos, e o que mais se adequa ao objetivo do estudo. Através da utilização de um questionário, tendo sido definidas as diretrizes que nos levaram ao objetivo da nossa investigação. Como já foi referido anteriormente a opção da utilização de questionários habitualmente utilizada a abordagem quantitativa, deveu-se ao número elevado de inquiridos das duas amostras. Não se pretendeu proceder uma análise estatística, ou quantificar os dados, mas sim, proceder-se à interpretação dos resultados obtidos no âmbito do estudo. (Bogdan e Biklen, 1994)

Na elaboração do questionário foi necessário ter em conta os seguintes aspetos: elaboração das questões; vocabulário e clareza nas questões; a ordem das questões; construção e aparência estética do questionário. Foi ainda necessário testar a aplicabilidade através de um pré-teste. Para tal, selecionou-se uma amostra semelhante, com o intuito de validar ou alterar, caso fosse necessário, o instrumento de recolha de dados (questionário), de acordo com o resultado da sua aplicação. Esta foi realizada em Maio de 2010 num grupo de 24 inquiridos que concluíam o 9º ano em Junho de 2010, não tendo sido necessário a alteração do questionário. Os inquiridos em questão compreenderam-no e não apresentaram dúvidas, conseguindo responder no tempo estipulado.

O inquérito foi elaborado da seguinte forma: a primeira secção do inquérito consiste num conjunto de questões, às quais apenas é possível dar um número fixo de respostas fechadas, de forma a obter a caracterização sociodemográfica das amostras, incluindo questões sobre a idade, género, ano de escolaridade e curso. Para se conseguir averiguar se existe causalidade ou correlação entre as duas partes do inquérito, incluímos as seguintes questões: Tem familiares a frequentar a escola? Tem algum familiar que já frequentou a escola? Tem amigos que já frequentaram a escola? Durante a frequência do 3º ciclo, algum dos seus professores fez referência

a esta escola? Tem conhecimento sobre as tradições da escola? Tem conhecimento que a escola formou artistas plásticos de renome nacional e internacional?

A segunda parte do inquérito é composta por 15 itens, que visam responder à percepção que os alunos têm da Imagem de Escola Interna e Externa.

A importância de cada item é indicada pelos inquiridos numa escala tipo Likert, de 1 a 5, variando de "Muito Má"; "Má"; "Não sei"; "Boa" e "Muito Boa". Nesta escala foi necessário incluir a resposta "Não sei", devido às *"(...) perguntas que requerem um conhecimento específico do correspondente sobre o tema da pergunta."* (Hill e Magalhães 2009, p:131)

Esta situação veio a revelar mais incidência nos inquiridos da Amostra 1, como tinha sido previsto. A escolha desta escala teve em consideração o tipo de questões colocadas. Tem espaços físicos com condições de trabalho. Tem uma localização geográfica. Está situada no Ranking de escolas ao nível Nacional. Oferece Cursos de qualidade. Poderá proporcionar-me perspectivas profissionais. Tem uma relação pedagógica entre Professores e alunos. Promove um bom relacionamento entre todos os alunos. Tem um clima de relações humanas entre todos (funcionários, direção, alunos, associação de estudantes e de Pais). Tem uma Associação de Estudantes. Tem uma Associação de Pais. Os professores proporcionam aulas. Tem uma organização. Envolve os alunos em atividades extra – curriculares. Tem Programas e serviços de apoios aos alunos (psicólogo, Gabinete de Apoio ao aluno, ou outros). É divulgada pelos meios de comunicação social de uma forma.

A terceira parte do questionário pretende averiguar, quais os fatores mais importantes para a escolha desta escola. Utilizou-se também uma escala tipo Likert, de 1 a 5, variando entre "Nada Importante"; "Pouco importante"; "Indiferente"; "Importante" e "Muito Importante". Esta escala teve em como prioridade dar resposta ao que se pretendia averiguar e ao tipo de perguntas. (Anexo A) Colocou-se ainda uma questão em aberto, para que os inquiridos se prenunciassem, caso houvesse outros fatores que foram importantes para a escolha desta escola.

No próprio questionário foram solicitadas autorizações aos Encarregados de Educação para os alunos menores de idade e teve-se o cuidado de perguntar a todos os participantes se queriam saber o resultado do estudo. Para tal, foi solicitado o "email" como contacto, e foi dada a garantia de confidencialidade das respostas.

2.6 - Seleção dos inquiridos

Para a seleção dos inquiridos determinamos duas Amostras que fossem representativas do Universo em estudo. Optou-se por utilizar o método de Amostragem Acidental, por se tornar mais funcional a aplicação dos questionários e devido à dimensão das duas Amostras. "A Amostragem Acidental é formada por sujeitos que são facilmente acessíveis e estão presentes num local determinado, num momento preciso. Os sujeitos são incluídos no estudo à medida que se apresentam e até a amostra atingir o tamanho desejado." (Fortin 2009, p. 208)

A Amostra 1, é representativa dos alunos que iriam frequentar a escola pela primeira vez, no ano letivo 2011/2012, (10º ano de escolaridade). Procedeu-se à aplicação dos inquéritos no ato da matrícula, em Agosto de 2011, tendo, tido esta aplicação a duração de três dias. A Amostra 2, é representativa dos alunos que estavam a finalizar o décimo segundo ano, ou seja o seu percurso escolar de três ou mais anos na instituição. Procedeu-se à aplicação dos inquéritos em sala de aula, de acordo com a disponibilidade das turmas e autorização dos respetivos professores, em Maio de 2012.

O tamanho das duas amostras foi determinado em conformidade com, o objetivo do estudo, com a representatividade, dos resultados desejados. Pretendeu-se obter uma amostra, (neste estudo, amostra 1 e amostra 2) suficientemente grande, para alcançar melhores aproximações às características da população em estudo. (Fortin, 2009)

O universo dos inquiridos é composto por 259 alunos da Escola Artística António Arroio, o que correspondente a 1/3 do Universo de 776 alunos apenas dos cursos diurnos, abrangendo os vários cursos. Foi solicitada a autorização para realizar o presente estudo junto do então Diretor da Escola António Arroio, Professor José Paiva, que prontamente se dispôs a proceder a todos os procedimentos legais/ administrativos.

2.7 - Opção adotada para o tratamento de dados e a taxas de respostas por categoria.

A opção adotada para o tratamento de dados, foi suportada na aplicação de técnica estatística relativos aos dados da investigação, que avaliam diferenças entre amostras e relações entre as variáveis. (Hill e Hill, 2009) Os dados foram tratados através do

Microsoft Office Excel. A taxa de resposta aos questionários das duas Amostras foi de 100%, não se tendo verificado respostas nulas.